

# A ARTE DO MOTTAINAI E A AGROECOLOGIA

*Data de aceite: 02/05/2024*

### **Suely Sayuri Iwashita**

Mestranda em Agroecologia, Programa de Pós-graduação em Agroecologia (PROFAGROEC), Universidade Estadual de Maringá.

### **Lucimar Pontara Peres**

Prof Dra, Programa de Pós-graduação em Agroecologia (PROFAGROEC), Universidade Estadual de Maringá (UEM).  
<http://lattes.cnpq.br/1081881731384247>

### **Cláudio Gomes da Silva Júnior Pedroso**

Prof Dr. Programa de Pós-graduação em Agroecologia (PROFAGROEC), Universidade Estadual de Maringá (UEM).  
<http://lattes.cnpq.br/7764462534569789>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é explorar e elucidar os princípios da Agroecologia e do conceito japonês de Mottainai como expressões culturais e práticas sustentáveis que transcendem fronteiras geográficas e culturais, destacando a importância de suas aplicações na promoção da sustentabilidade ambiental. A *Campanha Mottainai* (desperdício), sendo do Japão e se conectando com o Quênia, mesmo sendo diferentes e antagônicos,

através da Professora Wangari Maathai, Nobel da Paz, 2004, que fez uso da palavra e do conceito, o seu grito de guerra, não de forma pejorativa, mas com seriedade e respeito, como complemento de seu trabalho ambiental, o não desperdício, do material ou imaterial, de tudo e todos similar à Agroecologia no quesito sustentabilidade, reeducando o ser humano, a sociedade, de que a sementinha será jogada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alimentação; Cultura; Moda.

### THE ART OF *MOTTAINAI* AND AGROECOLOGY

**ABSTRACT:** This work aims to explore and elucidate the principles of Agroecology and the Japanese concept of Mottainai as cultural expressions and sustainable practices that transcend geographical and cultural boundaries, highlighting the importance of their applications in the promotion of environmental sustainability. The *Mottainai* (waste) Campaign, being from Japan and connecting with Kenya, even though they are different and antagonistic, through Professor Wangari Maathai, Nobel Peace Prize, 2004, who made use of the word and the concept, her war cry, not in a

pejorative way, but with seriousness and respect, as a complement to its environmental work, non-waste, material or immaterial, of everything and everyone similar to Agroecology in terms of sustainability, re-educating human beings, society, from which the seed will be played.

**KEYWORDS:** Food; Culture; Fashion.

## 1 INTRODUÇÃO

A Agroecologia é a Ciência que possibilita, a interação com todas as outras áreas da vida, surgiu junto com a Agronomia, mas foi deixada de lado, ou esquecida por conta do Progresso. Originado do Japão, do outro lado do Planeta uma palavra, que é muito similar, *Mottainai* (desperdício), tanto no significado quanto na prática, e prova de que mesmo com culturas tão antagônicas, se faz necessária a união em prol da proteção e restauração da Natureza, dos direitos humanos e da Paz.

Não há tradução literal da palavra, e sim ensinamentos que misturam cultura, religião costumes, tradição e respeito, interferindo na formação de seu povo, um país pequeno, com grandes complexidades geográficas, sobreviveu a uma grande guerra, e ainda passa por grandes catástrofes naturais, é muito mais que uma simples palavra, ou conceito vai além, é representação da cultura de um país inteiro.

Ao tomar conhecimento da *Campanha Mottainai*, idealizada por *Itochu Corporation*, em 2005, a Professora Wangari Maathai, ganhadora do Nobel da Paz de 2004, teve um entendimento de pronto e fez a conexão Japão e Quênia, como complemento de seus trabalhos ambiental, dos direitos humanos e das mulheres, como um grito de guerra, e divulgando onde quer que fosse, e principalmente, no combate à fome e pela Paz.

Atualmente, tomou uma proporção tão gigantesca, quase todas as áreas como Alimentação, Arte e Moda, e outras se apropriaram culturalmente das práticas adotando-a em práticas de reaproveitamento, reutilização, reuso, reeducando, restaurando, e respeitando acima de tudo e todos, para uma Planeta Terra, em Paz.

O objetivo deste trabalho foi explorar e elucidar os princípios da Agroecologia e do conceito japonês de *Mottainai* como expressões culturais e práticas sustentáveis que transcendem fronteiras geográficas e culturais, destacando a importância de suas aplicações na promoção da sustentabilidade ambiental

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Conceito ou filosofia

Devido a influência de duas culturas totalmente distintas, a Oriental e a Ocidental os descendentes e os próprios japoneses são ensinados desde pequenos e ouvem constantemente, a palavra *mottainai*, uma forma de ensinar o respeito e a gratidão pela natureza e seus recursos, aprendendo a não desperdiçar nada, e sim a conservar e cuidar, diferente de acumular, guardar ou economizar, sem apego ou posse.

“*Mottainai*” é resultado da junção de duas palavras fortes e amplas em sua aplicação: “*Mottai*” que pode ser traduzido como “Importante”, “Sagrado”, “Santidade”; e “*Nai*” por sua vez bastante direto, significa “Ausência”, “Nenhum”, “Falta”, “Vazio”, “Nulo”. Essas palavras aparentemente não se combinam, exceto se tentarmos estender sua interpretação reformulada uma frase completa: “Só damos importância aquilo que nos falta”, ou ainda, “Consideramos abençoado somente aquilo que nos é raro, escasso ou que nos foi retirado”.(HIRAGAMI, 2020).

Não há uma tradução literal da palavra e sim um conceito proveniente do Zenbudismo, e do xintoísmo, que seria desperdício: de tempo, comida, relações humanas e recursos naturais. Vinculadas às causas ambientais e da sustentabilidade, muito similar às práticas da Ciência da Agroecologia na prática, do dia a dia. Esses processos se interagem cada vez mais os Rs da Sustentabilidade – repensar, replantar, reciclar, reutilizar, restaurar, reflorestar, reintegrar, renascer, reeducar e respeitar o ser humano dito civilizado e sua relação com o todo, resgatando valores intrínsecos do ser e não do ter, deixados de lado pelo progresso.

Assim como outros saberes e conhecimentos da ancestralidade oriental, (numa mescla de cultura, religião, tradição, costumes e filosofia) que se fundem e complementam, influenciam diretamente no comportamento e na atitude individual para o bem viver do coletivo, do cooperar, do compartilhar e o *mottainai*, é mais que um conceito, representa de acordo com Hiragami (2020), a cultura de um país inteiro.

Atualmente, é considerada Filosofia de Vida, de que tudo tem alma, sejam materiais ou imateriais, os alimentos, a natureza, o desperdício ou o mau uso, seria motivo de assombração pelos espíritos contados para as crianças em lendas e histórias pelos avós ou pessoas mais velhas.

Ao contrário dos povos originários ao redor mundo, no caso do Brasil os Indígenas, tem uma sabedoria da ancestralidade, do fazer parte da Natureza, vivendo e desfrutando o melhor que há, sem destruição ou degradação, em tudo há uma sincronicidade, para sua própria subsistência ou do grupo em que vivem, mas não de forma comercial, como tem acontecido, não há dinheiro ou metais que paguem, pelo ar, pela água, pela luz solar, crucial para a humanidade.

Não haverá outro Planeta Terra, apesar de toda riqueza ou tesouros acumulados de nada servirá, tudo será em vão, e mesmo após a Pandemia do COVID-19, a saúde mental, é a maior sequela da humanidade, que anda doente, resultado de vários estudos e Pesquisas por todos os países.

A Campanha *Mottainai*, se iniciou em 2005, pela *Itochu Corporation*, com o objetivo de disseminar a prática dos 3Rs (reduzir, reutilizar e reciclar) mais um quarto R para “respeito” (indicativo de um sentimento de gratidão pelos recursos), designando como a primeira marca ambiental comercial do mundo, e produtos comercializados com base na preocupação ambiental como um padrão. Graças a Wangari Maathai, que acrescentou

mais um *R de respeito*, a campanha se tornou mundialmente conhecida, que se inteirou sobre o *Mottainai*, através de uma entrevista concedida ao Jornal Mainichi, em sua viagem ao Japão.

Em setembro de 2006, a Empresa se uniu ao alpinista Ken Noguchi e outras personalidades com patrocínio de uma competição de limpeza na Floresta Aokigahara ou Mar de Árvores com é conhecida, situada a noroeste do Monte Fuji. No total, foram 127 participantes de 28 empresas e o lixo recolhido descartado de forma ilegal foi de 1,5 toneladas. Criam um espaço para Pesquisa, a *Mottainai Lab*, em parceria com a *Companhia Excite Japan*, desenvolveu o projeto do primeiro site sobre a campanha *mottainai*, em novembro de 2006.

Em janeiro de 2007, a *Itochu Corporation*, juntamente com a *Shibuya University Network*, estabelece o Departamento de *Mottainai*, no Distrito de Shibuya em Tóquio, onde ocorre aulas práticas, eventos, campanhas e outras atividades, para a divulgação do *Mottainai*, sem fins lucrativos, para todos os interessados.

## 2.2 Histórico de Wangari Maathai e o Mottainai

Wangari Muta Maathai nasceu em 1 de abril de 1940 na aldeia de *Tetu*, no Condado de *Nieri* do centro do *Quênia*, região montanhosa a cerca de 160 quilômetros da capital do, *Nairóbi*. Sua família pertencia à etnia *Kikuyu*, o maior grupo étnico do país. Estudou com *Missionários Católicos*, até o Ensino Médio, segundo Mbugua (2020), esteve entre os 800 jovens africanos que foram para os Estados Unidos, através de um programa de bolsas de estudos pela *Kennedy Airlift* na década de 1960.

Graduou-se em Ciências Biológicas pelo Mount St. Scholastica College em Atchison, Kansas (1964), depois mestrado em Ciências pela University of Pittsburgh em 1966, e Doutorado na Alemanha e na University of Nairóbi em 1971, sendo a primeira mulher da África Oriental e Central a obter o título de Doutorado, foi a primeira presidente mulher Departamento de Anatomia Veterinária e professora assistente, em 1976 e 1977, entrou para o Conselho Nacional de Mulheres do Quênia (1976–1987), é eleita presidente de 1981 a 1987.

O trabalho com mulheres, foi uma das inspirações de Maathai a criação do *Green Belt Movement (GBM)* – Movimento Cinturão Verde, em 1977, no dia da Terra, plantando árvores por mulheres nos arredores de Nairóbi, atualmente Parque Uhuru, cujo foco principal era proteger e conservar o solo da erosão, fornecer sombras, erradicar a pobreza.

Outra grande influência, seria a sua mãe que não deixava cortar uma Figueira antiga, ao lado de sua casa por acreditar ser habitada por Deus, e sua vida no campo, caçando ovos de rãs e colocando-as no riacho, ao pé da casa debaixo da imensa árvore. (MBGUA, 2020).

Distribuiu sementes às mulheres que trabalhavam nos campos e criou um sistema de incentivos, premiando as que resistiam. Até hoje, o movimento plantou mais de quinze

milhões de árvores, gerou rendimento para 80 mil pessoas no Quênia e expandiu os seus esforços a mais de trinta países africanos, aos EUA e Haiti.

Em 2004, Maathai recebeu o Nobel da Paz, como reconhecimento dos seus esforços. No ano seguinte, foi escolhida para presidir ao Conselho Econômico, Social e Cultural da União Africana.

Por seu trabalho ambiental ser de alcance global, e ao fazer do *Mottainai* estampada numa camiseta que segurava, fez menção como seu grito de guerra, se dirigir à Comissão da ONU, sobre o *Status da Mulher*, o tornando conhecido mundialmente, feito repetido pelo então primeiro-ministro japonês Koizumi Junichiro, aproveitando a oportunidade, no evento da Cúpula dos Oito países industrializados realizado na Grã-Bretanha em 2005.

A contribuição de Maathai para a divulgação foi primordial, fez a conexão Quênia e Japão ir além das questões ambientais, ao compartilhar e tomar emprestado o conhecimento cultural, não foi de forma egoísta e sim com respeito ressignificando a cultura, o conceito, dividindo esses novos ensinamentos na prática, em comunidades tradicionais, científicas, países e todos os lugares possíveis, por que passou (MUTUA; OMORI, 2018).

A Campanha *Mottainai* e a atuação de Maathai ao ser compreendida, foi motivo de muitos estudos e pesquisas, por ser um termo de referência estrangeira, é permitido a flexibilidade e a adaptação da estrutura da palavra ou termo sendo emprestada, a transformação ocorre de acordo com a necessidade ou situação. em relação ao país de origem, concluindo que vários são os fatores para que tomasse essa proporção mundial, atualmente desde que surgiu o Movimento Cinturão Verde tem mais de 50.000 milhões de árvores plantadas em vários países, da África e outros Continentes.

Wangari Maathai, foi mulher, mãe, bióloga, professora, ambientalista ativista dos direitos humanos e das mulheres, política e escritora lutou com coragem e nos deixa um legado de vida, de esperança, de soluções práticas que todos podem exercer, através de uma semente, ela foi incansável e corajosa, fazendo com que as mulheres de seu país, tivessem uma voz, uma representatividade, conquistando o respeito, criando postos de trabalho e proporcionando alimento e água.

E o quão importante e urgente é a união de todos os saberes como experiência e história de vida, da ancestralidade dos povos originários ou não, dos conhecimentos científicos, acadêmicos, a tecnologia, sem guerras, ou mortes, promovendo a Paz, sua luta e trajetória de vida se deu até 25 de setembro de 2011, aos 71 anos.

Em comemoração ao primeiro aniversário de morte, no dia 18 de setembro de 2012, a Green Belt Movement (GBM), montou uma Tenda da Paz por sete dias em pontos de ônibus Kencon e Freedom Center no Parque Uhuru, para promover a Paz no Quênia, sendo muitos convidados e participantes de todas as áreas, foi sucesso, sendo o livro de compromisso assinado por todos.

O movimento segue de forma contínua, firme e forte, colhendo os frutos, plantados por uma filha de camponeses, que estudou, se formou, mas jamais se esqueceu de suas

raízes, e nem perdeu a sua essência, e soube usar dos conhecimentos adquiridos de forma positiva e apresentando ao mundo que é possível, sendo mulher ou homem, lutar, com palavras e ações, sem armas, em Paz.

### **2.3 Mottainai na arte: Furoshiki (dobrando o pano)**

A campanha idealizada pela ex-Ministra do Meio Ambiente, Yuriko Koike, é o Mottainai Furoshiki, em 2006, em tecidos de fibras 100%, feitas de garrafas Pet recicladas, com estampas e padrões modernos e atuais, mais resistente que as sacolas plásticas dos supermercados, e seu multiuso para o dia a dia, resgatando uma tradição cultural e artística na reutilização e redução de materiais nada ecológicos ou sustentáveis, já que por décadas foi deixado de lado sendo substituído por sacolas retornáveis. (KAMATAMI, 2018).

O nome se origina das palavras “furo” (banho) e “shiki” (abrir), nas tradicionais casas de banhos, para proteger os pertences e as roupas dos banhistas, surgiu no período Nara (710-794). (YAMAUTI, 2017). Ele foi usado de várias maneiras por mais de 1000 anos no Japão. O furoshiki, é um pedaço de tecido de fibras naturais como algodão e linho, quadrado, e utilizado como sacola e bolsa, ou embalagens de produtos ou objetos, marmitas, hashis, dobrados e amarrados, como origamis, contribuindo para gerar menos impactos.

A designer têxtil Etsuko Yamada, é considerada a maior especialista em furoshiki, tem uma loja especializada, Musu-Bi (que significa, beleza do nó), , o num dos bairros mais famoso e fashion do Japão, Harajuku, Tokyo. Sendo também um centro de pesquisa sobre o furoshiki, na preservação, difusão da cultura e sua funcionalidade, em cursos, palestras com novas maneiras de dobrar, dar os nós, as amarrações, utilização, transformando-o em peças de Moda para vestir, exclusiva e única

O *Mottainai*, mais uma vez vinculado às causas ambientais, é a arte na transformação dos velhos hábitos, resgatando, restaurando e ressignificando novos conceitos éticos do consumo e da finitude e do respeito ao Planeta Terra a tudo e a todos, com muita criatividade.

### **2.4 Mottainai na moda: Boro, Sashiko e Aizomê**

Segundo Bieger (2021), a história do Boro se originou no período Edo (1603-1868), ou Japão Feudal, e a partir de 1649, com o Xogunato de Tokugawa que fazendo melhorias na questão de descarte de resíduos da cidade para o Campo, mais precisamente dos ricos do Sul e região Central do Japão para a região Norte, onde além do frio intenso, as doações das roupas eram destinadas aos pobres camponeses.

Na Era Meiji (1868-1912), o Japão passou por diversas mudanças econômicas e sociais, e foi nessa época que o Boro se tornou mais conhecido, e durou até o final do Século XX, motivo de vergonha e preconceito por ser uma Arte vinda de uma época

difícil que remetia à pobreza e grandes dificuldades, tendo que remendar e reutilizar, o *Mottainai*(desperdício), na prática, e na vida real, da cultura popular.

Estes remendos eram executados com retalhos em Kimonos, ou outras peças de vestuário como colchas, mantas, tapetes, até ser realmente descartado, passados de geração a geração, por anos, depois descartados, é parecido com o patchwork que se originou na Europa Medieval. (PEREIRA, 2021).

Os retalhos são unidos por um ponto simples e rústico de bordado (a tradução seria dar facada no tecido), ou ponto de alinhavo, o Sachiko.

Alguns estudiosos e pesquisadores, alegam que é bem antiga, antecede ao Boro, com muitas lendas e histórias, fato é que se tornou essencial na junção desses retalhos.

A linha era de algodão branca, pois a maioria dos tecidos eram azuis tingidas com a planta Índigo que foi levado ao Japão por Monges Budistas, sementes e mudas da China, no período Edo a princípio eram consumidos em forma de chás e infusões para picadas de insetos ou pequenos cortes. (FERREIRA, 2020).

Passando a tingir roupas de algodão também vindos da China, já que o Japão não tem área para tal plantio, se dá o nome de Aizomê o tingimento do azul em seus vários tons monocromáticos, com características e motivos de desenhos, estampas e técnicas, muito peculiar de cada região ou comunidade, como uma identidade, a Arte do tingimento, que segue os princípios do *Mottainai*, sendo guardados em toneis gigantes prontos repletos de tintas, por anos.

Ao adentrar o século XXI, o Boro e o Sashiko, passou a ter um outro significado, por conta de colecionadores de Arte, e os grandes Museus, passaram a fazer mostras e exposições, e cada vez mais tem se valorizado, tanto artisticamente quanto em questões econômicas ultrapassando a casa dos milhões por uma única peça.

Juntos o Boro e o Sashiko, formam uma sincronicidade, de belas criações, com novos designers sem perder a sua essência da simplicidade, e a parceria com o *Mottainai*, por vários países, tem sido adotada por vários estilistas, designers, e artistas criando e recriando belas obras de arte, com materiais que seriam descartados ou simplesmente jogados num lixo gerando mais resíduos, e demorando anos para se decompor, depredando e deixando mais doente a mãe Natureza.

A Arte tem o poder de despertar e transformar o ser humano, através da beleza das cores, das formas, de modo único, do incompreensível de aprender a enxergar com os olhos da alma e do coração o que os olhos da carne não conseguem decifrar.

## **2.5 *Mottainai* na alimentação**

No Japão há um ditado popular que se diz: “não desperdice o alimento, por respeito ao produtor, agricultor que plantou e se sacrificou, para que o alimento chegasse até a mesa”.

O desperdício de alimentos em toda sua cadeia produtiva, é motivo de grande comoção mundial há muito anos de acordo com Josué de Castro em sua publicação Geopolítica da Fome, de 1951, há exatos 70 anos, abordando o tema como um problema universal de todos os países, e a má distribuição, é uma das principais causas até os dias atuais, tanto de saberes e conhecimentos, do plantio, manejo da terra, a colheita até o consumidor e o varejo, na conservação, na economia, e o poder público. (CASTRO, 1951).

De acordo com Wang (2022), a Pandemia do COVID-19, fez ressaltar a necessidade e a preocupação maior da conservação dos alimentos, e a consumir de forma mais sustentável e consciente. Também desenvolvem uma pesquisa analítica sobre a Campanha Mundial “Prato Limpo”, por vários países, da China aos Estados Unidos, França, Itália e outros, e concluem que vários são os fatores que levam ao desperdício como, cultural, comportamental, religioso, econômico, político e social.

Ocorrem mais em países desenvolvidos e com maior distribuição de renda, mas de modo geral os Países de poder econômico médio e pobres, também são afetados, infelizmente, e a falta de água potável, outro fator preocupante.

No Brasil, a fartura de alimentos à mesa prevalece desde o período colonial, influenciada pela cultura portuguesa e segundo Wang (2022), a realidade é bem diferente, ainda há muito o que plantar, aprender a consumir e a distribuição ser planejada de acordo com a necessidade de cada região, para que o país que mais produz grãos, proporcionar o direito a mesa farta com alimentos saudáveis a todos os cidadãos brasileiros ou não.

A solução está na reeducação da sociedade como um todo, em campanhas de conscientização de forma clara e objetiva, nas políticas públicas, de forma contínua e constante no combate ao desperdício dos alimentos, do plantio, manejo, colheita, consumidor, varejo, e sobras, com destinação apropriada, e podendo repassar para creches, asilos e outros órgãos e pessoas necessitadas. Novos hábitos foram adquiridos no Pós Pandemia, as pessoas passaram a comer melhor, fazendo sua própria comida, e exigindo produtos saudáveis e orgânicos, questionando a procedência e todo o processo, até chegar ao seu prato.

O conceito do *Mottainai*, é pertinente a situação atual, da realidade de todos os países, da ciência, da Agroecologia, na produção de alimentos saudáveis e orgânicos, no não desperdício, e que todos possam ter alimentos e água, com respeito a seus direitos, na preservação e restauração do meio ambiente, e que prevaleça a Paz.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito que se aprender e a troca de saberes e de conhecimentos, da ancestralidade, dos povos originários, indígenas, como no caso do Brasil, há ensinamentos que são repassados de geração a geração, sem registros, escrituras, desenhos ou gráficos, o que a sociedade acadêmica não leva em consideração.



Mesmo alegando ser da cultura popular, muitas histórias, lendas, cantigas, se perdem, com o decorrer dos anos.

A presente Pesquisa, fez uma breve e curta passagem por culturas tão antagônicas, do Japão a Campanha do *Mottainai*, e do Quênia o Movimento do Cinturão Verde, idealizada por Wangari Maathai, nos faz repensar a vida como um todo e rever nossos valores enquanto seres humanos, do que realmente vale a pena valorizarmos, e jamais se esquecer das suas raízes, nem da sua essência, de que somos todos humanos, e a triste realidade de colocarmos comida na mesa e em todos os países, sejam ricos, médios ou pobres, combater o desperdício, é tarefa individual e coletiva, um complementa o outro, plantar a semente, do *Mottainai*, junto com a *Agroecologia* resultará em bons e belos frutos.

## REFERÊNCIAS

BIEGER, Isabel. **O Estilo Boro e a Técnica Sashiko**. In: Advances in Industrial Design: Proceedings of the AHFE 2021 Virtual Conferences on Design for Inclusion, Affective and Pleasurable Design, Interdisciplinary Practice in Industrial Design, Kansei Engineering, and Human Factors for Apparel and Textile Engineering, 25-29 de julho de 2021, EUA . Springer International Publishing, 2021. p. 707-713.

CASTRO, Josué de. **Geopolítica da Fome**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1951.

FERREIRA, Glenda B. <https://www.cidadaocultura.com.br/a-historia-e-a-arte-do-indigo-japones/>, 22 de abril de 2020.

Fundação Japão. <https://fjisp.org.br/> <http://www.greenbeltmovement.org/>

HIRAGAMI, Bernardo. <https://pt.linkedin.com/pulse/mottainai-bernardo-hiragami,dezembro de 2020>.

ITOCHU CORPORATION (2016). Developing the environmental MOTTAINAI brand for a recycling-oriented society. Retrieved on September 17, 2016 from <http://www.itochu.co.jp/en/business/ict/project/01/>

<https://www.itochu.co.jp/>, página 44

KAMITANI, Sofia Nanka Furoshiki: **O nó mágico do coração e da razão do Brasil**, 2018, e-Book Kindle Amazon.

MOTTAINAI official site URL: <http://www.mottainai.info/> (**Japanese only**)

MUTUA, Eddah; OMORI, Kikuko (2018) **“A Cross-Cultural Approach to Environmental and Peace Work”**: Wangari Maathai’s Use of Mottainai in Kenya” The Journal of Social Encounters: Vol. 2: Iss. 1, 22-36.

MBUGUA, Sofia <https://www.dw.com/pt-002/wangari-maathai-a-ambientalista-queniana-que-ganhou-o-nobel-da-paz/a-52297058>

PEREIRA, Diana Catarina Teixeira. **A filosofia do kintsugi aplicada ao design de vestuário para uma moda mais sustentável**. Dissertação. Universidade do Minho – Escola de Engenharia , Braga - Portugal, 2021.

TAKAKI, Maria Clara. <https://ideiasustentavel.com.br/mottainai-tradicao-e-consumo-etico/>

YAMAUTI, Érika. <https://site.aliancacultural.org.br/furoshiki-2017/>